

VISÃO

OS AUTARCAS
TROCA-TINTAS

AS PRAIAS DA MODA

Madonna vai para lá. A praia do Ancão é a mais *in*. Mas há outras



PAULO SOUSA
Até a casa me
assaltaram!



V2

Jogo-teste:
Você é snob ou natural?

16 páginas para o Verão
em papel ecológico



mente. E o bom polícia das causas ecológicas voltou a dedicar-se a gravar discos.

CONCERTO Em Abril, Sting tocou durante algumas noites no Royal Albert Hall, de Londres, mostrando a espinha dorsal da sua tournée, que tem como objectivo promover o álbum *Ten Summoner's Tales*. Não estaremos a concorrer com nenhum adivinho se dissermos que o concerto que dará em Alvalade será uma fotocópia sonora do que ali se viu. Duas horas de concerto onde se encontra tudo o que se espera ouvir e algumas homenagens que é capaz de não desdenhar. Sting socorre-se, ao longo do espectáculo (com Dominic Miller na guitarra, Vinnie Calaiuta na bateria e David Sancious nas teclas) de uma estrutura de espectáculo bastante simples, embora produzida ao segundo.

Como em Londres, deverá iniciar o concerto com *If I Ever Loose My Faith In You* (do seu mais recente álbum), a que se seguirão temas indispensáveis como *Love Is Stronger Than Justice* ou *Seven Days*. Quando recuperar *A Day In A Life*, dos Beatles, é certo e sabido que os espectadores que têm cartão de fã começa-



Sting é distinto, porque não é alarve em cena

rão a cantar com ele. O regresso ao passado também é com ele. *Penny Lane* deverá ser incluído no alinhamento, assim como algumas recuperações do baú dos Police (*Roxanne*) e os hits de sempre do cantor (*An English In NY* ou *Fragile*). Resta saber se o concerto, feito numa base de simplicidade rítmica numa sala acolhedora como o Royal Albert Hall, poderá ser recriado num estádio como o de Alvalade. Será, por certo, um concerto conciliador. Para todas as gerações. ■

O que o diSTINGue dos outros

Sting, o jazz e algumas confusões

Sting presta, cá na minha opinião que ninguém pediu. Sting é fino, triplamente fino para ser mais preciso, se é que é preciso. Sting é magro, distinto e oportuno. Magro, fininho, não é necessário provar, pesa-se a olho, distinto, é cá o meu *feeling* (a minha impressão, brrr!), embora Sting nunca me tenha conhecido. Não sorriam, porque se nos tivéssemos já encontrado, este texto teria muito mais fundamento do que (não) tem, pois teria esclarecido dúvidas com ele. Ou não? Em frente. Até não é uma opinião muito subjectiva, que é a minha especialidade, mas Sting é distinto, porque não é alarve em cena, como o são muitos dos seus colegas de profissão. Quem pior toca, mais se agi-

pregnada de concepções medievais, como acontece nos seus *Ten Tales*.

Então não é que Marsalis e Companhia andavam a tocar com Sting! E Sting com eles! Quando digo Marsalis, refiro-me ao saxofonista da família-orquestra (uma espécie de Moreiras lá de New Orleans), Brandford, quando dactilografo Companhia é para evitar escrever Kenny Kirkland (excelente em piano acústico), Darryl Jones (bom baixista), Omar Hakim (baterista da pesada, lembro-me dele, por exemplo na FIL, e percuti tudo o que não é percütível), Farred Haque (guitarrista já algo afastado do jazz), até Ruben Blades que dá um tom político à associação, a própria integração rácica o dá. Sting presta.

Corria o ano de 1985, dois anos depois de os Police terem desfeito a esquadra. Sting preparara *The Dream of The Blue Turtles*, onde parte dos ases acima citados tocavam. Seguem-se, até 1987, mais dois discos (*Bring On The Night* e *Nothing Like The Sun*), onde o interesse de Sting pelos músicos de jazz e arredores é patente. Até chega a entrar a orquestra do velho Gil Evans, músico genial que já antes prestara homenagem em disco a outro fundamental que foi Hendrix! Depois, Sting passa à causa dos índios e, nos seus dois discos de 1992 e 1993, tais músicos, ou outros do mesmo «sindicato», já não entram na sua música.

Resultado: ninguém ficou a ganhar nada com o que se passou. Sabe-se de como culturas estranhas não se entendem, não se fundem, só se confundem, apenas se colam, episodicamente, até cada uma ir à sua vida.

Sting escolheu alguns dos melhores, ele sabe, eles aceitaram até porque, com Sting, os dólares sobram e, no jazz, já não se ganha mal, mas está-se longe das verbas rock. De todas as tentativas de cruzamentos, raras são as que fizeram história como fizeram os solos de trompete com surdina de Harry Edison na discografia de Sinatra, ambos dirigidos pelo notável Nelson Riddle.

Olhem só o que sucedeu também à infeliz ideia de juntar Carlos Paredes e Charlie Haden, autêntico fracasso. Outras músicas coladas com cuspo. ■

José Duarte

Arnie pensa

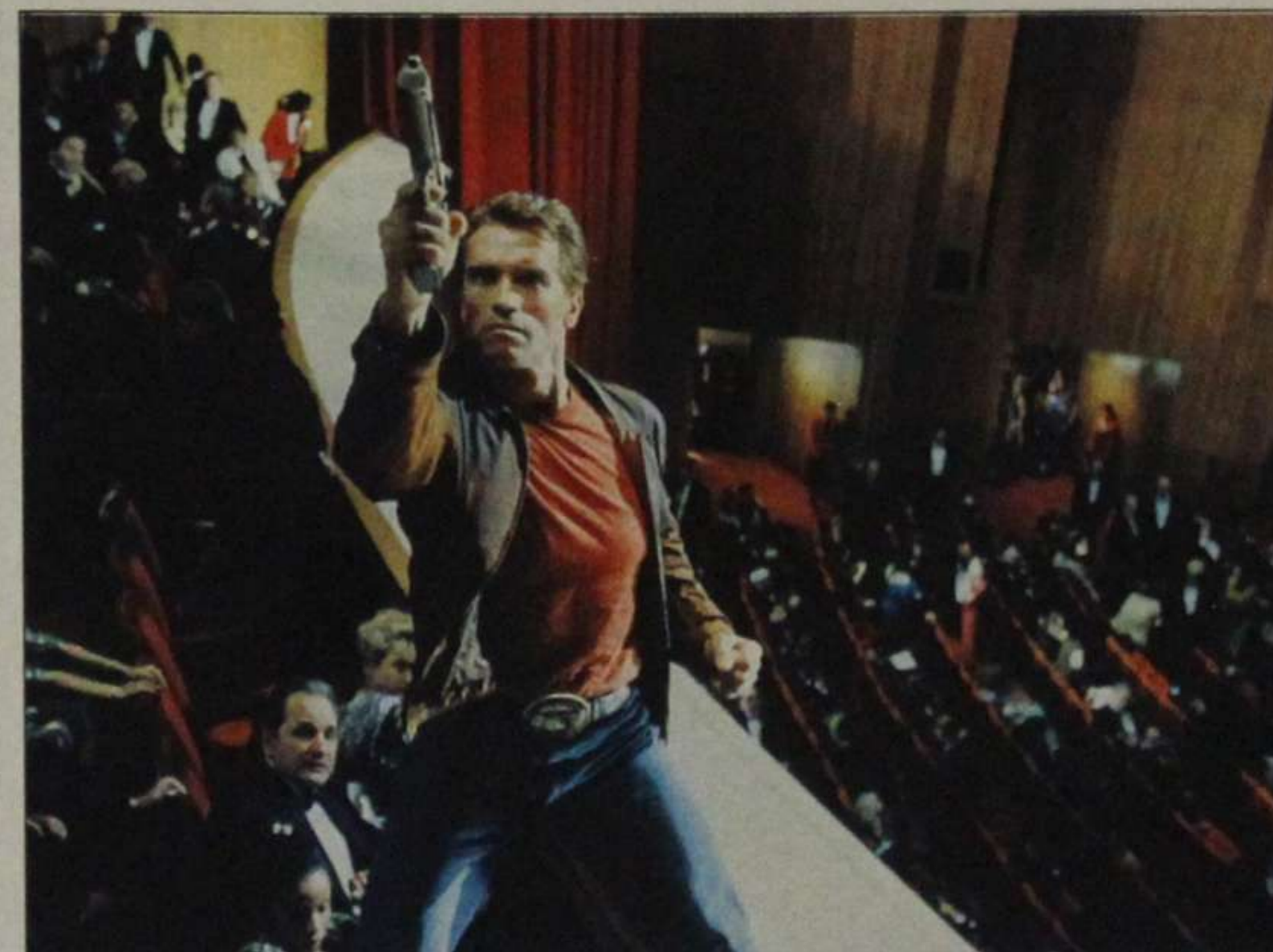
Ironia e Schwarzenegger combinam? Sim. E bem

TERESA CARMO

Por esta ninguém esperava. Que o novo filme «de» Arnold Schwarzenegger fosse francamente inteligente e, ironia das ironias, que sucumbisse tão aparatosamente às bilheteiras. Os mais maldosos dirão que faz todo o sentido. Os menos desmemoriados recordarão outros casos de rotundos e injustos flops que a indústria de Hollywood forneceu à História. Vale a pena pensar esta desconcertante equação chamada *O Último Grande Herói*.

Programado para se abater sobre o Verão cinematográfico americano tão certamente com um soco de Arnie, o filme abalançava-se a um duelo de gigantes com *Jurassic Park*, de Steven Spielberg. De igual para igual. Foram as duas fitas mais caras do ano. Na produção de *Jurassic Park*, gastaram-se 9,6 milhões de contos, mas a promoção ultrapassou os 10,4 milhões. *The Last Action Hero*, por seu lado, custou 16,8 milhões de contos, dos quais 2,4 serviram para pagar ao protagonista. Este fez um contrato publicitário com a Burger King, e Spielberg com a McDonalds. O verdadeiro combate trava-se, porém, muito atrás do tilintar sonante dos nomes de realizadores ou actores. Quem se digladiava a sério, com apostas milionárias, são os dois mestres do universo da electrónica, a Sony, proprietária da Columbia Pictures, que produziu *O Último Grande Herói*, e a Matsushita, detentora da MCA-Universal, produtora do filme de Spielberg. Ambas seguiram estratégias idênticas, multiplicando esquizofrenicamente o merchandising para fazer render o peixe até à última espinha.

VEXAME Consta que *Jurassic Park* vai dar origem a uma série televisiva e a um parque de diversões, e Schwarzie conseguiu a proeza de ser o primeiro civil com o nome inscrito numa nave espacial. Por 70 mil contos, é certo. Infe-



lizmente, nem toda esta confusão chega para baralhar as caixas registadoras. Nas quatro semanas que se seguiram à estreia (simultânea), *Jurassic Park* disparou o recorde para 2,44 milhões, e *O Último Grande Herói* fica-se por uns humilhantes 416 mil contos. O resultado não se presta a dúvidas: Matsushita 1; Sony-0.

Tudo isto será verdade. Mas nada disto elimina a surpresa de ver uma magnífica *in-joke* ao cinema de Hollywood, que vem acrescentar alguns pontos à história das comédias auto-referenciais e dos *film on film*. Um adolescente fascinado pela sala escura tem uma amizade clandestina pelo velho projectionista de um cinema em vias de se transformar em mais um complexo multimínissalas. Este concede-lhe o raro privilégio de ver em antestreia o novo filme do seu herói, *Jack Slater IV* (a piada às sequelas será constante), onde Arnold faz de Schwarzenegger, como polícia que varre a oito todos os bandidos, sem ganhar uma beliscadura. Graças a um bilhete mágico, em tempos oferecido por Houdini, o próprio, o miúdo é projectado para dentro do filme, onde realiza o sonho de conviver com o ídolo. Já outros tinham arriscado este intercâmbio. Buster Keaton, genialmente, em *Sherlock Jr.* (1924), e Woody Allen, em *A Rosa Púrpura do Cairo*. E é este o calcanhar de Aquiles de *O Último Grande Herói*, conceptualmente tão ambicioso: o excesso de referências, que o povo americano, e em

particular o que consome acção Arnold em doses maciças, dificilmente terá.

PARA CRÍTICOS

Apesar da boa quantidade de graças alarves que pretendem fazer história (*big mistake* substituí-se ao clássico *I'll be back*) e do *body count* avassalador, quantos dos elementos do público potencial de Arnie conhecerão Bergman (*O Sétimo Selo*) ou estarão em condições de identificar a nostalgia do amor à glória do cinema em *Cinema Paraiso*?

É por estas e por outras que se pode dizer com algum à-vontade que Schwarzie protagoniza um típico «filme para críticos», tal o grau de cinefilia exigido pelas suas constantes referências. Além disso, talvez não caia bem aos fãs o excesso de (hilarante) auto-ironia com que a star (produtor executivo, portanto com responsabilidades) se autoflagela. Ele aparece grunho (enquanto personagem), parolo e ganancioso (enquanto Arnold «real», na sequência da estreia).

De tudo o que o acusam, Arnold faz humor e do inteligente. «Ajudado» pela excelente câmara de John McTiernan (*Assalto ao Arranha-Céus*, *Caça ao Outubro Vermelho*), em grande forma naquela que é a sua especialidade, espectáculo e acção imparáveis. Além da deliciosa assumpção do seu estatuto logo no título, Schwarzenegger é realmente o último grande herói do firmamento hollywoodiano, pondo e dispondo dos estúdios conforme lhe apetece, pelo menos «enquanto as receitas não caírem». O cinema sempre fez do ecrã um espelho ambíguo. Ora para se esconder, ora para se interrogar. O insólito é este exercício vir associado a murros, explosões e ao rosto pétreo do último dos duros. Tudo ilusões. E quem se importa? ■

O ÚLTIMO GRANDE HERÓI

de John McTiernan
Com Arnold Schwarzenegger e Anthony Quinn